

O Estado dos Sonhos Alcança as Estrelas: As Narrativas que compõem a Ficção Celeste

“Alguns dizem que nos sonhos não existem senão engano e mentira, mas às vezes se podem ter sonhos que não mentem e que, com o passar do tempo, revelam-se verdadeiros.” (O romance da rosa, LORRIS, Guilherme de.)

Analia Bicalho Vencioneck

vencioneck.analia@gmail.com

Orientador relacionado: Carlos Ziller Camenietzki

Resumo: Este artigo pretende esboçar uma breve contextualização acerca do gênero literário conhecido por ficção celeste, às particularidades concernentes ao gênero, bem como, por fim, esboçar um breve quadro da obra *Uranófilo, O Peregrino Celeste*, escrita pelo jesuíta Valentin Stansel, na Bahia do século XVII, obra presente no acervo de Obras Raras da Biblioteca Nacional.

Palavras-Chave: História das Ciências no Brasil, ficção celeste, Diálogos astronômicos.

Introdução:

O radical da palavra *planeta* (πλανήτης) vem do grego e significa grosso modo “viajante”. Um planeta é um corpo celeste que viaja, mas dentro de um padrão: se movimenta de acordo com um sistema de corpos celestes em harmonia, em formato esférico. Por muito tempo, acreditou-se que tais movimentos se davam apenas em relação à Terra, sendo esta o centro do Universo, conforme foi estabelecido pelo

Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563¹. A visão poética dantesca presente em *A Divina Comédia* era a base, ainda nos moldes aristotélicos, para a verdade das coisas segundo a filosofia escolástica. A centralidade da Terra era uma demanda essencial para a organização do mundo nos moldes genesianos. Ir contra tal concepção significaria jogar por terra a relação hierárquica do mutável e do Divino. Entretanto, a Astronomia se desenvolveu com base na observação dos fenômenos, que muitas vezes iam de encontro à filosofia escolástica. O surgimento de novos corpos celestes fixos no firmamento ia, lentamente, dissolvendo as fortes raízes da escolástica, conforme afirma Nicolson em *The Breaking of the Circle*: “o mundo não era como um animal; era animado”. A repetição do padrão e das funções encontradas no corpo do Homem não era simplesmente inventada pela inteligência humana; de fato, havia nessa concepção de Universo uma correspondência entre o corpo do homem e o corpo do mundo, a alma do homem e a alma do Universo. O efeito disso sobre o pensamento e a linguagem em relação à garantia de um universo ordenado, limitado e centrado na Terra foi desaparecendo gradualmente. Nesse sentido, a Astronomia se propõe, primordialmente – e poeticamente, alcançar aquilo que está longe, ir ao encontro do desconhecido, do inalcançável. Seu processo natural é de constante transição.

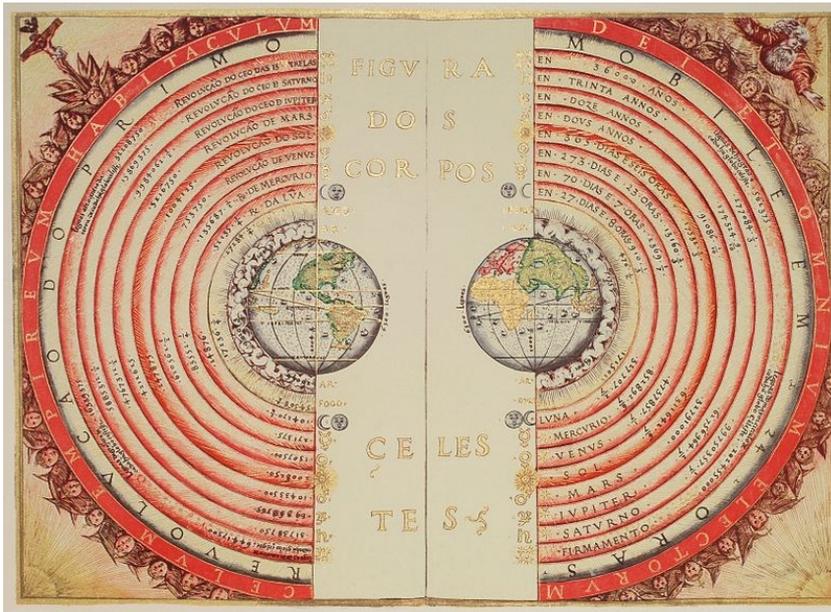
A literatura não se faz sobre o pretexto; mas estabelece uma relação orgânica e homogênea com o universo real, com seu contexto, e como consequência, com as ciências e as humanidades em geral. As publicações das obras de ficção celeste foram feitas, em sua grande maioria, por pensadores que se dedicava à investigação astronômica – filósofos, matemáticos, astrônomos, mas em geral, homens da corte – a liberdade de escrever sobre divagações de tal natureza só era possível àquele tempo por nobres, ou pessoas que detinham algum tipo de posse – sempre em torno de um

¹ Apud. GALILEI, Galileu. *O mensageiro das estrelas*.

determinado círculo de pensadores seiscentistas. Um lugar-comum que não condiz tão incisivamente com a verdade dos fatos é em relação à imagética da modernidade ou renascimento europeu em que cientista e pregadores religiosos são personagens antagônicos: conclui-se, sem exceções, que a ciência e a Igreja eram incomunicáveis, e que qualquer avanço neste campo significava heresia para Roma. Galileu, um dos nomes mais reconhecidos da astronomia, ao contrário do que foi afirmado por muito tempo, sempre estabeleceu relações diplomáticas com a Igreja, sendo o próprio um católico médio.

A problemática que envolvia as divagações acerca da matéria que compõe os planetas do firmamento era central e permeava a metafísica da Idade Média; se Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, e se a Terra era considerada perfeita por ser a obra Dele, logo, os outros astros deveriam refletir essa perfeição em sua forma e movimento, por um acabamento sem fissuras nem dobras, e a matéria dos astros deveria ser a mesma da Terra, a despeito do Sol e das estrelas. As estrelas novas e os cometas, que eventualmente surgiam no céu e eram percebidas a olho nu, por exemplo, que hoje são devidamente reconhecidas pela Astronomia, “*eram considerados fenômenos ligados à variação do temperamento do ar e a exalações que emanariam da Terra*”².

² CAMENIETZKI, Carlos Z. *A Literatura de Outro Mundo*.



Cosmographia, 1568, por Bartolomeu Velho. A gravura exemplifica a concepção geocêntrica ptolomaica do Universo. O texto central diz: “O império celestial, a morada de Deus e de todos os eleitos”.

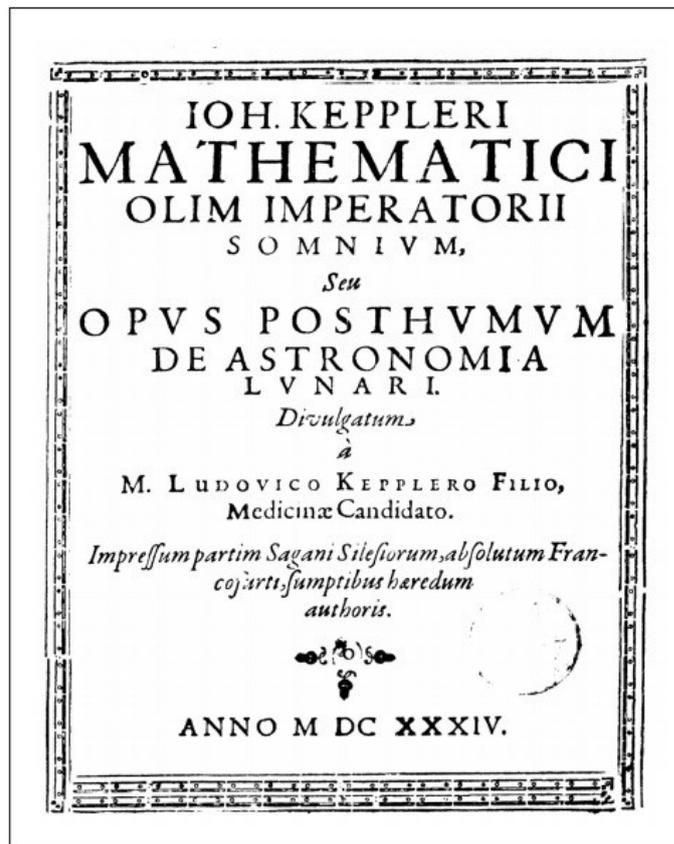
A descoberta das rugosidades da Lua, além de colocar por terra o argumento da perfeição dos astros e do firmamento como um todo – que corresponderia à perfeição de Deus e de sua criação, se tornou a temática mais recorrente das ficções astronômicas, possibilitando a criação literária e efervescendo a criatividade e curiosidade acerca da possibilidade de haver diferentes raças, reinos e viajantes humanos habitando o corpo celeste mais próximo à Terra.

Tais conjecturas acerca da organização do Cosmos possibilitaram as mais diversas divagações na literatura, seja enquanto divagação literária quanto em discussões estritamente científicas nesse campo. Nas produções concernentes ao tema, a figura de personagens destemidos, levados pelo acaso ou pelo “engenho” a explorar esses novos mundos, muitas vezes de maneira cômica, como nos relatos de Luciano de Samósata como, mais adiante, Bergerac na França. Nesse contexto, a figura do pícaro estabelece uma subversão ligada também à própria divindade associada à transmutação da matéria, discussão intimamente ligada à santidade de Jesus e sua ascensão aos Céus – um dos paradigmas do catolicismo, portanto, assunto delicado de ser abordado levemente no contexto de domínio político e cultural pela Igreja Católica. Destarte, o

pícaro, um “errante”, o personagem que está sempre tentando obter vantagens sem pesar no coletivo, obstinado e traiçoeiro (por mais que seja dotado de uma trajetória de pobreza e oportunidades) podendo alcançar o firmamento graças à sua artimanha e gênero cômico, deveria constituir matéria de ultraje à divindade; curiosidade esta que expõe o quanto tais questões não eram tratadas à mão de ferro pela Igreja, obstante divergências pessoais, como no caso de Galileu, que com astrônomos e matemáticos da Companhia de Jesus, ou de grave ultraje, que abalaria as concepções correntes de cosmologia associada à cosmogonia divina.

O grande afã ocasionado pelas descobertas marítimas, a conquista de novos territórios pelos poderes nobres da Europa, bem como a expansão da fé jesuíta - muitos foram os fatores que compuseram o cenário de prolífica imaginação espacial que ocasionou uma relativa tradição da ficção celeste no seiscentos. No entanto, trata-se de uma tradição literária secular, que retoma os latinos Cícero e Luciano de Samósata; porém, seu caráter ficcional com elementos de narrativa romanesca (gênero que ainda entrará em ascensão no século XVIII, mas que apresenta suas diretrizes ainda no século XVII, com *Don Quixote de La Mancha*) só pode ser tomada por sistemática no século XVI-XVII, com a publicação de obras como *Histoire Comique des estâts et empers de la Lune*, de Cyrano de Bergerac, *Man on the moon*, de Francis Godwin, *Somnium* de J. Kepler, *Itinerarium Exstaticum* de Anasthasius Kischer e muitas outras que não convém enumerar neste artigo. Em todas as narrativas seiscentistas, a imaginação que levava os personagens dessas histórias à viagens extraterrestres não exercia maior importância na narrativa que as discussões astronômicas correntes da época, nem deixavam a desejar quanto às mesmas, podendo recorrer à inserção de personagens calcados na realidade (o caso de *Somnium*, em que o narrador-personagem, num êxtase altamente

autobiográfico³, ascende à Lua e discute a possibilidade de seu modelo não-geocêntrico). Em parte, o objetivo da publicação de *Somnium* por Kepler era uma divagação acerca de como seria a prática da astronomia pela perspectiva de outro planeta, e com isso colocar em jogo a possibilidade do seu modelo não-geocêntrico, mesmo que a afirmação se comprove na realidade, como sua justificativa pela força magnética do Sol. Na verdade, com a Supernova de 1604, Kepler se propôs a questionar a máxima aristotélica em relação à imutabilidade do céu, a perfeição das esferas celestiais, a partir do “nascimento” dessa nova estrela, em seu *De Stella Nova*. Com base na falta de paralaxe observada, pôde argumentar que aquela estrela pertencia às estrelas fixas, colocando por terra a concepção de imutabilidade do firmamento.



Frontispício de *Somnium*.

³ O caso de *Somnium*, em que o narrador-personagem, num êxtase (que revela um teor altamente autobiográfico, em especial na relação do narrador com a mãe, uma conhecedora de poções que teria consultado um demônio para aprender os mecanismos para viajar até a Lua, encontra correspondências diretas com a vida de Kepler, cuja mãe foi condenada por praticar “bruxaria”, pela Igreja Católica.

Em relação à obra *The man on the moone* (GODWIN, 1638), o personagem da história, Domingo Gonsales, cujo nome espanhol reafirmará as características picarescas do personagem, parte de El Pico, um alto relevo terreno, e chega à Lua por meio de um “engenho”, o qual usa vinte e cinco gansas (aves) para alcançar as alturas. Chegando lá, aporta em outro pico, alto, contrariando as antigas suposições de que não haveria relevos na lua. Gonsales diz: “*my Gansa's staid their course as it was with one consent, and tooke their rest for certaine howers; after which they tooke their flight, and within lesse then one hower, let me upon the top of a very high hill in that other world*” (parte III);

Uma das concepções científicas correntes da época, de que a terra giraria em torno de seu próprio eixo, é colocada em questão na obra e, por fim, reafirmada:

“Whereby it appeareth, not only that my Gansa's took none other way then directly toward the Moone, but also, that when we rested (as at first we did for many howers,) either we were insensibly carryed, (for I perceived no such motion) round about the Globe of the Earth, or else that (according to the late opinion of Copernicus,) the Earth is carried about, and turneth round perpetually, from West to the East. (...) The reason thereof I conceive to be this, that whereas the Earth according to her naturall motion, (for that such a motion, she hath, I am now constrained to joyne in opinion with Copernicus,) turneth round upon her owne Axe every 24. howers from the West unto the East” (parte V).

Gonsales rejeita, entretanto, a proposição heliocêntrica copernicana: “*I will not go so farre as Copernicus, that maketh the Sunne the Center of the Earth, and unmoveable, neither will I define any thing one way or other.*” (parte V)

Ao combinar ficção e conhecimento científico, *The Man in the Moone* teve influência não só na literatura: a história de Godwin também contribuiu para cogitações cosmológicas seiscentistas sobre a Lua, suscitadas pela hipótese de os orbes visíveis no

firmamento abrigarem diferentes formas de vida. O impacto da obra reverberou diretamente na produção de *Cyrano de Bergerac*, que se utilizou do personagem-narrador da história de Francis Godwin para construir a cena em que o autor-personagem Bergerac inicia uma discussão científica propícia à obra. O termo “engenho” é constantemente utilizado nas obras de ficção celeste, referindo-se à própria física envolvida na criação de um mecanismo que possibilita a ascensão aos céus. O diferencial entre tais obras e *Uranophilus*, que será tratada posteriormente com mais atenção, é o viés religioso de Stansel, que se utilizará de uma linguagem própria do movimento barroco, bem como partir de metáforas literárias clássicas, revogando do teor cômico próprio a essas narrativas de viagens celestes de sua época, para narrar tal possibilidade, a partir de “êxtases” que o arrebatam aos céus.

Já em relação a outra importante obra do gênero, *L'Autre Monde* ou *Histoire comique des états et empires de la lune*, escrita por Cyrano de Bergerac, uma das mais populares do gênero, o autor-personagem (outra recorrência própria ao estilo dessas tais viagens celestes), conversa com Gonsales, personagem presente em *The Man In The Moone*, o personagem-autor na novela discutida anteriormente neste artigo, sobre as provas científicas do vácuo; a intertextualidade e dialogismo presentes reafirmam a tradição literária. A partir das discussões acerca da existência do vácuo, inicia-se uma discussão a respeito da existência de uma partícula comum a toda matéria; além disso, o personagem ainda encontra o *daemon* de Sócrates. Lá, depara-se com os icônicos habitantes da Lua, os Selenitas. Na obra, o autor-personagem afirma a teoria heliocêntrica como a única possível, a partir de um caráter cômico – destituindo sua obra do patamar cientificista:

“Digo que a terra, necessitando do calor, da luz e da influência do sol, gira em torno dele, a fim de receber igualmente em todas as suas partes a virtude que a

conserva. Porque seria tão ridículo acreditar que aquele grande corpo luminoso girasse à roda da terra, como admitir que para assar um cabrito seja preciso andar com o fogão à roda dele.”

A justificativa científica se faz valer pelo discurso religioso; não se sabe se por dissimulação, para se adequar às normas da censura Católica:

“– Sem dúvida – respondi eu; – assim como Deus pôde fazer a alma imortal, também pôde fazer o mundo infinito, se é certo que a eternidade não é mais do que uma duração sem limites, e o infinito uma extensão sem limites. E depois, o próprio Deus seria finito, supondo-se que o mundo não fosse infinito, visto que ele não poderia estar onde nada houvesse, e que não poderia acrescentar a grandeza do mundo sem acrescentar alguma coisa à sua própria extensão, começando a estar onde não estava antes. Importa, portanto, acreditar que, assim como vemos daqui Saturno e Júpiter, se estivéssemos num ou noutro desses mundos, descobriríamos muito ainda, que não distinguimos da terra, e que o universo é até o infinito construído deste modo.” (cap. III).

Ao longo da narrativa, o homem vai sendo “desumanizado” pelos habitantes do satélite, os Selenitas, a exemplo do episódio em que o mesmo passa a ser tratado como um animal de estimação pelos habitantes da Lua, juntamente com o outro personagem da história – com quem discute sobre as teorias do vácuo, e ironicamente o Selenitas os tratam assim justamente por seus hábitos e consciência muito mais avançados que os nossos, conforme se julga ao longo da história narrada. O homem se torna uma entre muitas criaturas, e perde, juntamente com a descentralização da Terra no firmamento, a sua soberania. As discussões da narrativa tomam, por fim, um tom filosófico, quando as distâncias são relativizadas, e o homem, desestabilizado; entretanto, nesse percurso errante do orgulho, se alcança o aprendizado pela consciência de si.

Bergerac, ao subir aos céus, por meio de seu “engenho” – que é nada menos que bolsas de orvalho que se inflam pelo calor do Sol, crê estar com uma febre alta, o que era na verdade o fervor no sangue da viagem – quase um “êxtase”. O fervor científico,

aqui, age como que causando embriaguez, assim como a sensação do estado de êxtase, experimentado por *Uranófilo*, porém proporcionado pelo arrebatamento religioso.

Importante salientar, conforme aponta o título deste artigo: a principal motivação literária para a ascensão aos céus nas obras de ficção celeste, a motivação que possibilita a transgressão é justamente o sonho. O sono, o descanso, e o consequente sonho são etapas constantes nas narrativas celestes. O sonho é um mecanismo de elevação, no qual é possível alcançar o estado de libertação necessário para ascender o corpo aos céus; revelações divinas são concedidas, em grande parte, nos sonhos, como no caso da visita do Anjo Gabriel no sonho de Maria. Esta é uma ponte imagética importante diante do repertório literário na Europa Medieval, e ainda, na Renascentista. Tanto nas obras citadas anteriormente, como *The Man on the Moone*, *Les Estats et Empers de la Lune*, *Somnium* ou *Iter exstaticum*, em todas prevalece o caminho dos sonhos como um vislumbre da realidade. A relação da Lua com o sonho, neste caso, está para além das metáforas poéticas, mas como motivação intrínseca ao gênero, como propulsor do caso das viagens. E será, no caso de *Uranófilo*, *O Peregrino Celeste*, a correspondência produzida no Brasil para as viagens celestes, não apenas a motivação mas o condutor material que eleva o herói Uranófilo, junto de suas musas Urânia e Geonisbe, para a Lua, Mercúrio, Vênus, Júpiter e Saturno, em êxtases divinos, e estabelecendo um diálogo com o estoicismo barroco.

As divagações oníricas celestes influenciaram a formação de hipóteses astronômicas de variadas maneiras; indicam a transformação, no seio de um gênero literário até então pouco observado com afinco, as transformações em relação às concepções correntes sobre Deus, sobre a ordem do Cosmos, sobre as cogitações mais diversas em relação à história da Ontologia. A própria noção da paralaxe foi

fundamental, e exposta também por Galileu, para se referenciar à perspectiva humana em relação ao objeto.

Retomando ao conceito exposto anteriormente acerca da figura do pícaro, sempre presente nas narrativas celestes produzidas entre os séculos XVI e XVII, convém fazer alguns apontamentos sobre um dos expoentes, e provável ícone para inspirações literárias, deste tipo de novela; é o caso de *Lazarillo de Tormes*, uma historieta anônima, publicada na Europa, circulando em diferentes versões corrompidas, adulteradas em relação a seu texto original. Diferentemente das outras obras abordadas, esta não integra o cânone da ficção celeste, mas se faz de grande importância para a compreensão dos tipos e motivações literárias envolvidas nas narrativas que abarcam viagens interplanetárias. Em *Lazarillo de Tormes*, o personagem-narrador narra sua própria história, a qual perpassa pela errância, pela comicidade característica dos pícaros, e certamente se configura, dentro da tradição cavalheiresca, como um personagem anti-herói. Uma característica em comum entre as obras relatadas é a de não-omnisciência dos narradores – característica própria à Modernidade – o que pressupõe uma experiência de descoberta, tanto para o leitor como para o personagem que narra. *Lazarillo* Não se institui na tradição da ficção celeste, mas da picaresca; entretanto, sua relação com as obras da tradição celeste listadas anteriormente é que esta também se trata de um gênero da linha perspectivista, e não mais omnisciente, aproximando-se do relato ou epístola. As reflexões de Lázaro, no começo da história, o situam em uma mudança de consciência em relação ao que será narrado. Nos romances picarescos espanhóis clássicos, como Quevedo e Alemán, é possível localizar pontos idênticos de conscientização do pícaro; este momento faz parte da própria estrutura da história. Trata-se, também, de uma narrativa moralista, ou melhor, sobre a errância e o aprendizado através da consciência de si no mundo:

“Y todo va de esta manera; que, confesando yo no ser más santo que mis vecinos, nonada, que en este grosero estilo escribo, no me pesará que hayan parte y se huelguen con ello todos los que en ella algún gusto hallaren, y vean que vive un hombre con tantas fortunas, peligros y adversidades” (p. 30).



GOYA. *El Lazarillo de Tormes* (1819).

A partir do exposto, é possível traçar uma relação entre as ficções celestes, produzidas entre os séculos XVI e XVII, e o romance picaresco enquanto gênero da época e também enquanto uma importante estratégia de dissimulação – tratando-se de uma literatura “menor”, ou menos louvável por estar em moldes cômicos, e não clássicos, sem maiores metáforas que recorram a musas inspiradoras ou sentimentos de elevação, poderiam passar sem problemas pelo julgo da Igreja Católica e seus dogmas

correntes, em especial se tratando de uma produção literária deveras perniciososa para seus interesses.

A figura do pícaro fez-se assim fundamental nas narrativas que pressupõem transgressão dos valores morais, justamente pelo seu desvio de caráter revelar novas possibilidades, e possibilidades espontaneamente humanas, e desmascarar ideais de comportamento que são retratados na literatura, e que acabam por não retratar ou não colocar em questão os vícios imorais. O pícaro esboça o sentimento de deformação da realidade, em termos humanos, a partir de uma figura caricaturizada. Mas, para além dessa problemática, seu papel na literatura celeste é o de abrir caminho para que o cômico seja difusor de conhecimento. Em parte, a ideia de deformação da realidade vem da injustiça social flagrante no mundo, “*que sujeita o pobre a todas as humilhações e corrupções e garante ao bem-nascido, não menos corrupto, a impunidade e a vida fácil*”. O romance picaresco é o desmascaramento cruel do ideal aristocrático do Barroco, que já não é realidade, como na Idade Média, nem poesia romântica, como na renascença, e sim uma imposição mentirosa. Conforme Otto Maria Capeaux afirma sobre a figura do pícaro na literatura espanhola:

No fundo da alma do pícaro existe um desejo de purificação do qual é difícil dizer se se trata de ascetismo castelhano ou de estoicismo barroco; na verdade, ambos os motivos estão presentes e dão como resultado as digressões e reflexões morais, que interrompem a cada passo a narração do pícaro cínico e imoral, exprimindo uma filosofia pessimista e resignada da vida.⁴

A narrativa de *Uranófilo* é repleta de figuras de palavras e referências literárias que facilmente a colocam a par das obras da literatura brasileira em pé de igualdade; nos moldes clássicos, apresenta descrições acerca da composição natural desse “país

⁴ CAPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*, vol. II.

selvagem”, porém de beleza ímpar, e ainda que apenas pela fruição literária, ao discorrer acerca dos vagalumes da Quinta e sua luminosidade, *Uranófilo, O Peregrino Celeste* corresponde a uma leitura que o leitor com passagens, se não pretenciosas, bastante poéticas e sempre remetendo ao lirismo envolvendo a impossibilidade (até então) de alcançar os astros do firmamento. Divaga Uranófilo em certo momento no Êxtase que o conduz a Mercúrio: “*Acima do horizonte, perto do ponto em que o Sol se pôs, brilhava uma estrela que eu não conhecia; ela não tinha coma e se afastava do Sol por cerca de vinte graus. Aquela novidade me surpreendeu; eu pensei que era um novo cometa que acabara de nascer e que queimava no céu*” (Êxtase II).



Frontispício de *Uranófilo, O Peregrino Celeste*, presente no acervo de Obras Raras da Biblioteca Nacional brasileira.

Salienta-se aqui que a polêmica que envolvia o surgimento de novas estrelas no céu foi superada, e já encontra correspondência na literatura celeste produzida por um jesuíta. Não apenas a liberdade poética de inserir divindades gregas como metáforas, musas inspiradoras e a ideia de “deuses” que habitam os céus: essas são liberdades concedidas livremente quando se trata de criação literária, mesmo para a Igreja. Fica claro também que as viagens celestiais consistiam verdadeiros exercícios mentais feitos pelo narrador, *Uranófilo*: “*Num brevíssimo espaço de tempo (é muito grande a velocidade da mente humana), percorremos cinco vastas regiões planetárias: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol e Marte*” (Êxtase VI). O narrador parece estar também, como os pícaros, em constante descoberta e deslumbramento, em oposição à onisciência das suas Musas Urânia e Geonisbe. Além disso, há muitas passagens em que se discute acerca da matéria que compõe os planetas, a luminosidade e refração da luz solar, por exemplo, em que Urânia explica, sempre com bastante firmeza e domínio acerca dos assuntos astronômicos, sobre as matérias e suas funções diante do planeta Mercúrio, no segundo Êxtase, em relação à luminosidade flagrante de Vênus e dos anéis de Saturno.

URANOPHILUS CÆLESTIS PEREGRINUS

S I V E

MENTIS URANICÆ

PER MUNDUM SIDEREUM PEREGRINANTIS

E X T A S E S

A U T H O R E

VALENTINO ESTANCEL.

DE CASTRÓ JULII, MORAVO,

E SOCIETATE

J E S U.

Olim, in Universitate Pragenſi, deinde in Regia Olyſſiponenſi
Matheseos Magistro, demum Theologiz Moralis in Urbe
S. Salvatoris, vulgo Bahya Omnium Sanctorum
in Brasilia, Professore.

IHS



G A N D A V I
Apud Heredes Maximiliani Gract,
P R O S T A N T A N T V E R P I Æ.
Apud Michaelem Knobbaert.
M. DC. LXXXV.

Capa/Primeira

página do livro de

Stansel, *Uranophilus*

Caelestis Peregrinus

Considerações Finais

A literatura celeste se revela, por tanto, um epifenômeno, justamente pela necessidade de construir uma genealogia astronômica por meio da literatura, que propicia a liberdade ficcional. O picaresco assume uma forma estratégica dentro da literatura celeste, de atração e reconhecimento por parte do público leitor, que ainda não era uma classe difundida no século XVII.

A literatura celeste não se trata de acúmulos de teorias e experiências. Existe um forte papel do lúdico no acesso a história científica no Brasil, bem como a atual importância de se propagar a literatura de ficção celeste. Visa-se a importância de se construir uma reflexão, uma tradição literária, difundir esse tipo de conhecimento, e

juntamente expandir o acesso ao conhecimento das obras raras brasileiras e impulsionar o interesse do público pela preservação do acervo da Biblioteca Nacional.

Faz-se necessário expandir a noção de ficção científica brasileira e reconstruir a identidade literária, bem como a história científica do Brasil, geralmente reduzida e localizada no século dezanove e adiante. A sua importância remonta à historiografia científica no Brasil: a tradição quase inexistente, a falsa noção de obscurantismo que permeia os primeiros séculos de colônia, bem como que se faz pela ideia da jornada jesuítica enquanto perpetuadora desse obscurantismo, revelando a necessária revisão da história. A publicação da tradução de *Uranófilo, O Peregrino Celeste*, abre a possibilidade de discussão acerca de literatura e ciência produzidas no Brasil.

Bibliografia consultada:

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. “A Literatura de Outro Mundo: Ficção e Ciência no Século XVII”. *Escritos: Fundação Casa Rui Barbosa*, v. 1. P. 43-66, 2007.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. “O cometa, o pregador e o cientista Antonio Vieira e Valentin Stansel observam o céu da Bahia no século XVII”. *Revista da SBHC*, n. 14, p. 37-52, 1995.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller; CAROLINO, Luiz Miguel et. all. *Jesuítas, Ensino e Ciência. Séculos XVI - XVII*. Universidade de Évora, Caleidoscópio: Portugal, 2005.

CAPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental - Vol. 2*. São Paulo: Leya, 2011.

DESCONHECIDO. *Lazarillo de Tormes*. Trad. Pedro Câncio da Silva. São Paulo: Página Aberta; Brasília, DF: Consejería de Educación de la Embajada de Espana, 1992. (Coleção-Collección Orellana).

FLAMMARION, Camille. *Les mondes imaginaires et les mones réels*. Paris: Didier, 1884.

GALILEI, Galileu. *O Mensageiro das Estrelas*. São Paulo: Dueto, 2009.

GODWIN, Francis. *The Man In The Moone or A Discourse Of A Voyage Thither By Domingo Gonsales*. Londres, 1638. Disponível no portal da Universidade Nova de Lisboa: <http://www.fcsh.unl.pt>.

NICOLSON, Marjorie Hope. *The breaking of the circle. Studies in the effect of the "new science" on seventennth century poetry*. Nova York: Columbia University Press, 1960.

_____. *Science and Imagination*. Ithaca: Cornell University Press, 1956.

STANSEL, Valentin. *Uranophilus caelestis peregrinus sive mentis uranicae per mundum sidereum peregrinandis extases*. Gand: Graet, 1685.